

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO X

DEZEMBRO DE 1867

Nº 12

O Homem Frente à História

ANCIANIDADE DA RAÇA HUMANA^{32, 33}

Na história da Terra, a Humanidade talvez não passe de um sonho; e quando o nosso velho mundo adormecer nos gelos de seu inverno, a passagem de nossas sombras sobre sua face talvez nele não tenha deixado qualquer lembrança. A Terra possui uma história própria, incomparavelmente mais rica e mais complexa que a do homem. Muito tempo antes do aparecimento de nossa raça, durante séculos e séculos, ela foi seguidamente ocupada por habitantes diversos, por seres primordiais, que estenderam sua dominação sucessiva à sua superfície, e desapareceram com as modificações elementares da física do globo.

Num destes últimos períodos, na época terciária, à qual podemos fixar sem medo uma data de várias centenas de milhares

32 Este artigo é tirado dos artigos científicos que o Sr. Flammarion publicou no *Siècle*. Julgamos por bem reproduzi-lo, primeiro porque sabemos do interesse dos nossos leitores pelos escritos desse jovem sábio, e, além disso, porque, do ponto de vista da Ciência, ele toca em alguns pontos fundamentais da doutrina exposta em nossa obra sobre a *Gênese*.

33 **Nota da Editora:** Ver “Nota Explicativa”, p. 527.

de anos, antes de nós, o sítio onde hoje Paris ostenta os seus esplendores era um Mediterrâneo, um golfo do oceano universal, acima do qual apenas se elevaram na França o terreno cretáceo de Troie, Rouen, Tours; o terreno jurássico de Chaumont, Bourges, Niort; o terreno triásico dos Vosges, e o terreno primitivo dos Alpes, do Auvergne e das costas da Bretanha. Mais tarde a configuração mudou. Na época em que ainda viviam o mamute, o urso das cavernas e o rinoceronte de narinas separadas, podia-se ir por terra de Paris a Londres; e talvez esse trajeto fosse efetuado por nossos antepassados daquele tempo, porque havia homens aqui, antes da formação da França geográfica.

Sua vida diferia tanto da nossa quanto a dos selvagens de que nos ocupávamos recentemente. Uns tinham construído suas aldeias sobre palafitas, no meio dos grandes lagos; essas cidades lacustres, comparáveis às dos castores, foram descobertas em 1853, quando, em consequência de uma longa estiagem, os lagos da Suíça baixaram, pondo a descoberto palafitas, utensílios de pedra, de chifre, de ouro e de argila, vestígios inequívocos da antiga habitação do homem; e essas cidades aquáticas não eram uma exceção: só na Suíça foram encontradas mais de duzentas. Conta Heródoto que os Paeonianos habitavam cidades semelhantes sobre o lago Prasias. Cada cidadão que tomava mulher era obrigado a mandar três pedras da floresta vizinha e as fixar no lago. Como o número das mulheres não era limitado, o piso da cidade cresceu depressa. As cabanas estavam em comunicação com a água por um alçapão, e as crianças eram amarradas pelo pé a uma corda, por medo de acidente. Homens, cavalo, gado, viviam juntos, alimentando-se de peixe. Hipócrates relata os mesmos costumes dos habitantes de Phase. Em 1826, Dumont d'Urville descobriu cidades lacustres análogas nas costas da Nova-Guiné.

Outros habitavam as cavernas, as grutas naturais ou construíam um refúgio grosseiro contra os animais ferozes. Hoje se

encontram seus ossos misturados aos da hiena, do urso das cavernas, do rinoceronte tiorino. Um cavouqueiro, em 1852, querendo saber a profundidade de um buraco pelo qual os coelhos se esquivavam dos caçadores, em Aurignac (Haute-Garonne), retirou dessa abertura ossos de grande dimensão. Atacando então o flanco do montículo, na esperança de ali encontrar um tesouro, logo se achou em frente de um verdadeiro ossuário. O rumor público, apoderando-se do fato, pôs em circulação relatos de moedeiros falsos, de assassinatos, etc. O prefeito julgou por bem mandar reunir todas as ossadas para as levar ao cemitério; e quando, em 1860, o Sr. Lartet quis examinar esses velhos restos, o coveiro nem mais se lembrava do lugar da sepultura. Não obstante, com o auxílio de raros vestígios que cercavam a caverna, traços de um foco, ossos quebrados para extrair a medula, pode-se assegurar que as três espécies acima referidas viveram nesse ponto da França ao mesmo tempo que o homem. O cão já era companheiro do homem, e sem dúvida foi a sua primeira conquista.

O alimento desses homens primitivos já era muito variado. Pretende um professor que a proporção entre carnívoros e frugívoros era de doze para vinte. Acha o Sr. Florens que eles se nutriam exclusivamente de frutos. Mas a verdade é que, desde o começo, o homem foi onívoro. Os *kjokkenmoddings* da Dinamarca nos conservam restos de *cozinha antediluviana*, provando este fato até a evidência. Já almoçavam ostras e peixes, conheciam o ganso, o cisne, o pato; apreciavam o galo silvestre, o cervo, o cabrito-montês, a rena, que caçavam, dos quais foram encontrados restos trespassados por flechas de pedra. O bisão ou boi primitivo já lhe dava leite; o lobo, a raposa, o cão e o gato lhes serviam de prato principal. As landes, a cevada, a aveia, as ervilhas, as lentilhas lhes davam o pão e os legumes; o trigo só veio mais tarde. As avelãs, as bolotas, as maçãs, as peras, os morangos e as framboesas rematavam essas iguarias dos antigos dinamarqueses. Os suíços da idade da pedra se apoderaram da carne do bisão, do alce e do touro selvagem, tinham domesticado a cabra e a ovelha. A lebre e o

coelho eram desdenhados por alguma razão supersticiosa; mas, em compensação, o cavalo já havia tomado lugar em suas refeições. Todas essas carnes eram comidas cruas e fumegantes na origem e, observação curiosa, os antigos dinamarqueses não se serviam, como nós, dos dentes incisivos para cortar, mas segurar, reter e mastigar o alimento, de sorte que esses dentes não eram cortantes, como os nossos, mas achatados, como nossos molares e as duas arcadas dentárias pousavam uma sobre a outra, em vez de se encaixarem.

Nem todos os selvagens primitivos eram nus. Os primeiros habitantes das latitudes boreais, da Dinamarca, da Gália e da Helvécia, tiveram que se garantir contra o frio com agasalhos de peles. Mais tarde pensaram nos ornamentos. O coquetismo, o amor aos enfeites não datam de hoje, senhoras: testemunham esses colares formados com dentes de cão, de raposa e de lobo, atravessados por um furo de suspensão. Mais tarde os grampos para cabelo, os braceletes, os pegadores de bronze se multiplicaram ao infinito, e é surpreendente a variedade e até o bom-gosto dos objetos que serviam à toaleta das senhorinhas e dos homens elegantes daquele tempo.

Naquelas idades recuadas, enterravam os mortos sob abóbadas sepulcrais. Os cadáveres eram colocados em posição agachada, os joelhos quase tocando o queixo, os braços cruzados sobre o peito e aproximados da cabeça. Como se observou, é esta a posição da criança no seio materno. Esses homens primordiais certamente o ignoravam, e é por uma espécie de intuição que equiparavam o túmulo a um berço.

Vestígios de idades que se foram, esses grandes túmulos, esses montículos, essas colinas que nos séculos passados eram chamados “túmulos de gigantes” e que serviam de limites invioláveis, são câmaras mortuárias, sob as quais nossos antepassados escondiam seus mortos. Quais eram esses primeiros

homens? “Não é apenas por curiosidade, diz Virchow, que perguntamos quem eram esses mortos, se em vida pertenciam a uma raça de gigantes. Essas questões nos interessam. Esses mortos são nossos antepassados, e as perguntas que dirigimos a esses túmulos se ligam igualmente à nossa própria origem. De que raça saímos? De que fonte saiu nossa cultura atual e para onde ela nos conduz?”

Não é preciso remontar à criação para receber algum clarão sobre as nossas origens; do contrário ver-nos-íamos condenados a permanecer sempre numa noite completa a esse respeito. Apenas sobre a data da criação contaram-se mais de 140 opiniões, e da primeira à última não há menos de 3.194 anos de diferença! Acrescentar uma 141ª hipótese não esclareceria o problema. Assim, limitar-nos-emos a esclarecer que, do ponto de vista geológico, o último período da história da Terra, o período *quaternário*, o que dura ainda hoje, foi dividido em três fases: a fase *diluviana*, durante a qual houve imensas inundações parciais, e vastos depósitos e acumulações de areia; a fase *glaciária*, caracterizada pela formação de geleiras e por um maior resfriamento do globo; enfim a fase *moderna*. Em suma, a importante questão, hoje mais ou menos resolvida, era saber se o homem não data senão desta última época, ou das precedentes.

Ora, agora está comprovado que data no mínimo da primeira, e que os nossos primeiros ancestrais têm direito ao título de *fósseis*, considerando-se que suas ossadas (o pouco que resta) jazem com as do *ursus spelaeus*, da hiena e dos *felis spelaea*, do *elephas primigenius*, do *megacero*, etc., numa camada pertencente a uma ordem de vida diferente da ordem atual.

Nessas épocas longínquas reinava uma Natureza muito diferente da que hoje desdobra os seus esplendores em volta de nós; outros tipos de plantas decoravam as florestas e os campos; outras espécies de animais viviam na superfície do solo e nos mares.

Quais foram os primeiros homens que despertaram nesse mundo primordial? Que cidades foram edificadas? Que língua foi falada? Que costumes estiveram em uso? Estas questões ainda estão cercadas para nós de profundo mistério. Mas o de que temos certeza é que ali onde fundamos dinastias e monumentos, *várias raças de homens* habitaram sucessivamente, durante períodos seculares.

Sir John Lubbock, na obra assinalada no começo deste estudo, demonstrou a ancianidade da raça humana pelas descobertas relativas aos usos e costumes de nossos ancestrais, como *Sir Charles Lyell* o tinha demonstrado do ponto de vista geológico. Seja qual for o mistério que ainda envolve as nossas origens, preferimos esse resultado ainda incompleto da ciência positiva, às fábulas e aos romances da antiga mitologia.

Camille Flammarion

Um Ressurrecto Contrariado

(Extraído da viagem do Sr. Victor Hugo à Zelândia)

O episódio seguinte é tirado do relato publicado pelo jornal *Liberté*, de uma viagem do Sr. Victor Hugo à Holanda, na província de Zelândia. O artigo se acha no número de 6 de novembro de 1867.

“Acabávamos de entrar na cidade. Eu tinha os olhos erguidos e chamava a atenção de Stevens, meu vizinho de banco no carro, para o pitoresco denteado de uma sucessão de telhados hispano-flamengos, quando, por sua vez, ele me tocou no ombro e me fez sinal para olhar o que se passava no cais.

“Uma multidão barulhenta de homens, mulheres e crianças cercava Victor Hugo. Descendo do carro e escoltado pelas

autoridades da cidade, ele avançava, ar simplesmente de emoção, a cabeça descoberta, com dois buquês nas mãos e duas meninas de vestido branco ao seu lado.

“Eram as duas meninas que acabavam de lhe oferecer os dois buquês.

“Que dizeis, por esse tempo de visitas coroadas e de ovações artificiais ou oficiais, dessa entrada simplesmente triunfal de um homem universalmente popular, que chega de improviso a um país perdido, cuja existência nem sequer suspeitava, e que aí se encontra muito naturalmente em seus Estados? Quem teria prevenido o poeta de que essa cidadezinha desconhecida, cuja silhueta tinha considerado de longe e com curiosidade, era a sua boa cidade de Ziéricsée?

“Ao jantar, o Sr. Van Maenen disse a Victor Hugo:

“ – Sabeis quem são as duas lindas meninas que vos ofereceram buquês?

“ – Não.

“ – São as filhas de um fantasma.

“Isto exigia uma explicação, e o capitão nos contou a estranha aventura. Ei-la:

“Cerca de um mês atrás, na hora do crepúsculo, um carro onde estavam um homem e um menino entrava na cidade. É preciso dizer que pouco antes esse homem havia perdido a esposa e um dos filhos, com o que ficou muito triste. Embora ainda tivesse duas meninas e o menino, o qual estava com ele nesse momento, não se tinha consolado e vivia na melancolia.

“Naquela noite seu carro seguia por um desses caminhos elevados e abruptos, que são, à direita e à esquerda,

ladeados por um fosso de água estagnada e às vezes profunda. De súbito o cavalo, sem dúvida mal dirigido através da bruma do anoitecer, bruscamente perdeu o equilíbrio e rolou do alto da escarpa para o fosso, arrastando consigo o carro, o homem e a criança.

“Houve nesse grupo de seres precipitados um momento de angústia pavorosa, de que ninguém foi testemunha, e um esforço obscuro e desesperado para a salvação. Mas foram abismados na confusão da queda e tudo desapareceu no fosso, que se fechou com a espessa lentidão da lama.

“Só o menino, que como por milagre ficou fora do fosso, gritava e se lamentava, agitando os bracinhos. Dois camponeses, que atravessavam um campo de garança, a alguma distância, ouviram os gritos e correram. Retiraram a criança.

“O menino gritava: ‘Meu papá! meu papá! Quero meu papá!’

“ – E onde está o teu papá?

“ – Lá, dizia o menino, mostrando o fosso.

“Os dois camponeses compreenderam e se puseram ao trabalho. Ao cabo de um quarto de hora retiraram o carro quebrado; depois de meia hora tiraram o cavalo morto. O pequeno gritava sempre e pedia o pai.

“Enfim, após novos esforços, do mesmo buraco do fosso que o carro e o cavalo, pescaram e trouxeram para fora da água algo de inerte e de fétido, que estava inteiramente negro e coberto de lama: era um cadáver, o do pai.

“Tudo isto tinha levado cerca de uma hora. O desespero do menino redobrava; não queria que seu pai estivesse

morto. Entretanto os camponeses o julgavam bem morto; mas como o menino lhes suplicasse e se agarrasse a eles, e como eram boa gente, tentaram, para acalmar o pequeno, o que se faz sempre em tais casos na região: puseram-se a rolar o afogado no campo de garança.

“Rolaram-no assim um bom quarto de hora. Nada mexeu. Rolaram-no ainda. A mesma imobilidade. O pequeno seguia tudo e chorava. Recomeçaram uma terceira vez e já iam desistir quando, enfim, lhes pareceu que o cadáver movia um braço. Continuaram. O outro braço se agitou. Obstinaram-se. O corpo inteiro deu vagos sinais de vida e o morto começou a ressuscitar lentamente.

“Isto é extraordinário, não é? Pois bem! eis o que é ainda mais imprevisito. O homem suspirou longamente, voltando à vida e gritou com desespero. ‘Ah! meu Deus! que foi que fizestes? Eu estava tão bem onde estava. Estava com minha mulher, com meu filho. Tinham vindo a mim e eu a eles. Eu os via e estava no céu, estava na luz. Ah! meu Deus! que fizestes? Não estou mais morto!’

“O homem que assim falava acabava de passar uma hora no lodo. Tinha o braço quebrado e contusões graves.

“Levaram-no para a cidade, e acaba de se curar, acrescentou o Sr. Van Maenen, terminando de nos contar esta história. É o Sr. D..., uma das mais altas inteligências, não só da Zelândia, mas da Holanda. É um dos melhores advogados. Aqui todos o estimam e honram. Quando ele soube, Sr. Victor Hugo, que íeis passar pela cidade, quis de todo jeito sair da cama, que ainda não havia deixado há um mês, e hoje fez a sua primeira saída para ir à vossa frente e vos apresentar suas duas filhinhas, às quais tinha dado buquê de flores para vós.

“Houve um só grito em toda a mesa.

“Estas são coisas que só se passam na Zelândia! Os viajantes aqui não vêm, mas os habitantes voltam.

“Deveriam tê-lo convidado para jantar, arriscou a parte feminina da mesa.

“Convidá-lo! exclamei; mas já éramos doze! Não seria exatamente o momento de convidar um fantasma. Senhoras, gostaríeis de ter um morto como décimo terceiro?

“Há, disse Victor Hugo, que tinha ficado silencioso, dois enigmas nesta história: o enigma do corpo e o da alma. Não me encarrego de explicar o primeiro, nem dizer como pode um homem ficar submerso durante uma hora numa cloaca sem que lhe sobrevenha a morte. Cremos que a asfixia ainda é um fenômeno mal conhecido. Mas o que compreendo admiravelmente é a lamentação dessa alma. Que! ela já tinha saído da vida terrena, desta sombra, deste corpo sujo, desses lábios negros, desse fosso escuro! Ela tinha começado a fuga encantadora. Através da lama, tinha chegado à superfície da cloaca e aí, ligada ainda por uma última pena de sua asa a este horrível último suspiro, estrangulado pelo lodo, já respirava silenciosamente o frescor inefável fora da vida. Já podia voar até seus amores perdidos, alcançar a mulher e erguer-se até a criança. De repente, a semi-evadida se arrepia; sente que o laço terrestre, em vez de se romper completamente, se reata, e ao invés de subir na luz, desce bruscamente na noite, sendo obrigada a entrar violentamente no cadáver. Então solta um grito terrível.

“O que disto resulta para mim, acrescentou Victor Hugo, é que a alma pode ficar certo tempo acima do corpo, como se flutuasse, já não sendo mais prisioneira, nem estando ainda liberta. Esse estado flutuante é a agonia, a letargia. O estertor é a alma que se lança fora da boca aberta e que recai por instantes; é a alma que se sacode, ofegante, até que se quebre o fio vaporoso do último sopro. Parece-me que a vejo. Ela luta, escapa-se um pouco

dos lábios, neles entra, escapa novamente, depois bate as asas com força, e ei-la a voar de uma assentada, desaparecendo no azul imenso. Está livre. Mas algumas vezes também o moribundo volta à vida: então a alma, desesperada, volta ao agonizante. O sonho por vezes nos dá a sensação dessas estranhas idas e vindas da prisioneira. Os sonhos são alguns passos quotidianos da alma fora de nós. Até que tenha completado seu tempo no corpo, todas as noites e enquanto dormimos a alma dá a sua escapadela.”

Paul de La Miltière

Como se vê, o fato em si mesmo é eminentemente espírita. Mas se existe algo de mais espírita ainda, é a explicação que lhe dá o Sr. Victor Hugo; dir-se-ia haurida textualmente na doutrina. Aliás, não é a primeira vez que ele se exprime neste sentido. Ainda está na lembrança o encantador discurso que ele pronunciou, há cerca de três anos, no túmulo da jovem Emily Putron (Revista Espírita de fevereiro de 1865); decerto o mais convicto espírita não falaria de outro modo. A tais pensamentos não falta absolutamente senão a palavra; mas que importa a palavra quando se crê nas idéias! Por seu nome autorizado, o Sr. Victor Hugo é um de seus vulgarizadores. E, contudo, os mesmos que as aclamam de boca ridicularizam o Espiritismo, nova prova de que não sabem em que este consiste. Se o soubessem, não tratariam a mesma idéia de loucura em uns, e de verdade sublime em outros.

Carta de Benjamin Franklin à Sra. Jone Mecone sobre a Preexistência

Dezembro, 1770.

Em minha primeira estada em Londres, há cerca de quarenta e cinco anos, conheci uma pessoa que tinha uma opinião quase semelhante à de vosso autor. Seu nome era Hive; era viúva

de um impressor. Morreu pouco depois de minha partida. Por seu testamento, obrigou o filho a ler publicamente, em Salter's-Hall, um discurso solene, cujo objetivo era provar que esta Terra é o verdadeiro inferno, o lugar de punição para os Espíritos que tinham pecado num mundo melhor. Em expiação de suas faltas, são enviados para cá, sob formas de toda espécie. Há muito tempo vi esse discurso, que foi impresso. Creio lembrar-me de que as citações da Escritura ali não faltavam; ali se supunha que, conquanto hoje não guardássemos nenhuma lembrança de nossa preexistência, dela tomaríamos conhecimento após a nossa morte e nos recordaríamos dos castigos sofridos, de modo a serem corrigidos. Quanto aos que ainda não tivessem pecado, a vista dos nossos sofrimentos devia servir-lhes de advertência.

De fato, aqui vemos que cada animal tem o seu inimigo, e esse inimigo tem instintos, faculdades, armas para o aterrar, ferir, destruir. Quanto ao homem, que está no primeiro grau da escala, é um demônio para o seu semelhante. Na doutrina recebida da bondade e da justiça do grande Criador, parece que é preciso uma hipótese como a da senhora Hive, para conciliar com a honra da divindade esse estado aparente de mal geral e sistemático. Mas, em falta de história e de fatos, nossa razão não pode ir longe quando queremos descobrir o que fomos antes de nossa existência terrestre, ou o que seremos mais tarde. (*Magasin pittoresque*, outubro de 1867, pág. 340).

Na *Revista* de agosto de 1865 demos o epitáfio de Franklin, escrito por ele próprio e que é assim concebido:

“Aqui repousa, entregue aos vermes, o corpo de Benjamin Franklin, impressor, como a capa de um velho livro cujas folhas foram arrancadas, e cujo título e douração se apagaram. Mas nem por isto a obra ficará perdida, pois, *como acredito*, reaparecerá em nova e melhor edição, revista e corrigida pelo autor.”

Ainda uma das grandes doutrinas do Espiritismo, a pluralidade das existências, professada, há mais de um século, por um homem considerado com toda a razão como uma das luzes da Humanidade. Aliás, esta idéia é tão lógica, tão evidente pelos fatos que diariamente temos aos nossos olhos, que está no estado de intuição numa multidão de criaturas. De fato, hoje é admitida por inteligências de escol, como princípio filosófico, fora do Espiritismo. O Espiritismo não a inventou, mas a demonstrou e provou; e, do estado de simples teoria, a fez passar ao de fato positivo. É uma das numerosas portas abertas às idéias espíritas, porque, conforme explicamos em outra circunstância, admitido esse ponto de partida, de dedução em dedução chega-se forçosamente a tudo o que ensina o Espiritismo.

Reflexo da Preexistência

(Por Jean Raynaud)³⁴

Eis um homem que chega ao fim de sua carreira. Em algumas horas não será mais deste mundo. Neste momento supremo, tem consciência do resultado, do produto líquido da vida? Vê o seu resumo como num espelho? Pode fazer uma idéia dele? Não, certamente. Contudo, esse produto líquido, esse resumo existe em algum lugar. Está na alma de uma maneira latente, sem que ela possa discerni-lo. Discerni-lo-á aos olhos de todos; então o resumo de todo o passado, tomando vida ao mesmo tempo, reconhecer-se-á realmente. Aqui só nos conhecemos por parcelas; a luz de um dia é apagada pelas trevas de um outro dia; a alma encerra e guarda em seu tesouro uma porção de impressões, de percepções, de desejos que esquecemos.

Nossa memória está bem longe de ser proporcionada à capacidade de nossa alma; e tantas coisas que agiram sobre a nossa alma, das quais perdemos a lembrança, são para nós como se jamais

34 **Nota da Editora:** Ver “Nota Explicativa”, p. 527.

tivessem existido. Entretanto, tiveram seu efeito, e seu efeito permanece; a alma guarda a sua impressão, que se acha no resumo final, que será a nossa vida futura. (Extraído dos *Pensées genevoises*, de François Roget. *Magasin pittoresque*, 1861, página 222).

Joana d'Arc e seus Comentadores

Joana d'Arc é uma das grandes figuras da França, que se ergue na História como um imenso problema e, ao mesmo tempo, como um protesto vivo contra a incredulidade. É digno de nota que neste tempo de cepticismo, são os mais obstinados adversários do maravilhoso que se esforçam por exaltar a memória desta heroína quase lendária; obrigados a analisar esta vida cheia de mistérios, vêem-se constrangidos a reconhecer a existência de fatos que as leis da matéria, por si sós, não poderiam explicar, porque se se tiram esses fatos, Joana d'Arc não passa de uma mulher corajosa, como se vêem muitas. Provavelmente não é sem uma razão de oportunidade que a atenção pública é chamada sobre este assunto no momento. É um meio como qualquer outro de rasgar caminho às idéias novas.

Joana d'Arc não é um problema, nem um mistério para os espíritas. É um tipo eminente de quase todas as faculdades mediúnicas, cujos efeitos, como uma porção de outros fenômenos, se explicam pelos princípios da doutrina, sem que haja necessidade de se lhes buscar a causa no sobrenatural. É a brilhante confirmação do Espiritismo, do qual ela foi um dos mais eminentes precursores, não por seus ensinamentos, mas pelos fatos, tanto quanto por suas virtudes, que nela denotam um Espírito superior.

Nós nos propomos fazer um estudo especial a respeito, desde que nossos trabalhos no-lo permitam. Enquanto se espera, não é inútil conhecer a maneira pela qual suas faculdades são encaradas pelos comentadores.

O artigo seguinte é tirado do *Propagateur de Lille*, de 17 de agosto de 1867.

“Certamente nossos leitores se lembram de que este ano, por ocasião da festa de aniversário do levantamento do cerco de Orléans, o Sr. abade Freppel pediu, com humilde e generosa coragem, a canonização de nossa Joana d’Arc. Hoje lemos na *Bibliothèque de l’École de Chartres* um excelente artigo do Sr. Natalis de Wailly, membro da Academia das Inscrições, que, a propósito da *Joana d’Arc* do Sr. Wallon, dá suas conclusões e as da verdadeira ciência sobre a história sobrenatural daquela que foi, ao mesmo tempo, uma heroína da Igreja e da França. Os argumentos do Sr. de Wailly são bem feitos para encorajar as esperanças do abade Freppel e as nossas. – Léon Gautier (*Monde*).”

“Não há muitas personagens históricas que tenham sido, mais que Joana d’Arc, alvo da contradição dos contemporâneos e da posteridade. Não os há, entretanto, cuja vida seja mais simples nem mais bem conhecida.

“Saída repentinamente da obscuridade, ela não aparece na cena senão para representar um papel maravilhoso, que logo atrai a atenção de todos. É uma jovem que só sabe fiar e costurar, que se pretende enviada de Deus para vencer os inimigos da França. De início tem apenas um pequeno número de partidários devotados, que acreditam em sua palavra; os espertos desconfiam e lhe criam obstáculos: cedem, enfim, e Joana d’Arc pôde conquistar as vitórias que havia predito. Em breve ela arrasta até Reims um rei incrédulo e ingrato, que a atraiçoa no momento em que se prepara para tomar Paris, que a abandona quando ela cai prisioneira nas mãos dos ingleses, e que nem mesmo tenta protestar e proclamar a sua inocência, quando ela vai expirar por ele. No dia de sua morte, não havia apenas inimigos que a declaravam apóstata, idólatra, impudica, ou amigos fiéis que a veneravam como uma santa; também havia ingratos que a esqueciam, sem falar dos indiferentes,

que não se preocupavam com ela, e gente esperta que se gabava de jamais ter acreditado em sua missão, ou de nela ter pouco acreditado.

“Todas essas contradições, em meio das quais Joana d’Arc teve que viver e morrer, lhe sobreviveram e a acompanharam através dos séculos. Entre o vergonhoso poema de Voltaire e a eloqüente história do Sr. Wallon, produziram-se as mais diversas opiniões; e se todos hoje concordam em respeitar esta grande memória, pode dizer-se que sob a admiração comum ainda se ocultam profundos dissentimentos. Com efeito, quem quer que leia ou escreva a história de Joana d’Arc, vê erguer-se em sua frente um problema que a crítica moderna não gosta de encontrar, mas que aí se impõe como uma necessidade. Este problema é o caráter sobrenatural que se manifesta no conjunto dessa vida extraordinária, e mais especialmente em certos fatos particulares.

“Sim, a questão do milagre se apresenta inevitavelmente na vida de Joana d’Arc; ela embaraçou mais de um escritor e muitas vezes provocou estranhas respostas. O Sr. Wallon pensou com razão que o primeiro dever de um historiador de Joana d’Arc era não se esquivar a esta dificuldade: ele a aborda de frente, e a explica pela intervenção miraculosa de Deus. Tentarei mostrar que esta solução é perfeitamente conforme às regras da crítica histórica.

“As provas metafísicas sobre as quais pode apoiar-se a possibilidade do milagre escapam ou desagradam a certos espíritos; mas a História não tem que fazer essas provas. Sua missão não é estabelecer teorias, mas constatar fatos e registrar todos os que aparecem como certos. Que um fato miraculoso ou inexplicável deve ser verificado com mais atenção, ninguém o contestará; por conseguinte esse mesmo fato, verificado mais atentamente que os outros, adquire, de certo modo, um maior grau de certeza. Raciocinar de outro modo é violar todas as regras da crítica e

transferir para a História os preconceitos da metafísica. Não há argumentação contra a possibilidade do milagre que dispense o exame das provas históricas de um fato miraculoso, e a sua admissão, quando capazes de produzir convicção num homem de bom-senso e de boa-fé. Mais tarde se terá o direito de procurar para esse fato uma explicação que satisfaça a este ou àquele sistema científico; mas, antes de tudo, e aconteça o que acontecer, a existência do fato deve ser reconhecida, quando repousar em provas que satisfaçam às regras da crítica histórica.

“Há ou não fatos desta natureza na história de Joana d’Arc? Esta questão foi discutida e debatida por um sábio que precedeu o Sr. Wallon, e desta maneira adquiriu uma autoridade incontestável. Se aqui cito o Sr. Quicherat, de preferência ao Sr. Wallon, não é somente porque um, antes do outro, constatou os fatos que quero lembrar; é, também, porque ele se propôs estabelecê-los sem pretender explicá-los, de sorte que sua crítica, independente de todo sistema preconcebido, limitou-se a estabelecer premissas, cujas conclusões nem mesmo quis prever.

“É claro, diz ele, que os curiosos quererão ir mais longe e raciocinar sobre uma causa, cujos efeitos não lhes bastará admirar. Teólogos, psicólogos, fisiologistas, eu não tenho solução a lhes indicar; que encontrem, se puderem, cada um de seu ponto de vista, os elementos de uma apreciação que desafie todos os contraditores. A única coisa que me sinto capaz de fazer na direção em que se exercer semelhante pesquisa é apresentar, sob sua forma mais precisa, as particularidades da vida de Joana d’Arc que parecem sair do círculo das faculdades humanas.

“A mais importante particularidade, a que domina todas as outras, é o fato de *vozes* que ela escutava várias vezes por dia, que a interpelavam ou lhe respondiam, cujas inflexões ela distinguia, referindo-as sobretudo a São Miguel, a Santa Catarina e a Santa Margarida. Ao mesmo tempo se manifestava uma viva luz, na qual

ela percebia a figura de seus interlocutores. ‘Eu os vejo com os olhos do meu corpo, dizia ela aos seus juízes, tão bem quanto vos vejo.’ Sim, ela sustentava com inabalável firmeza que Deus a aconselhava por intermédio dos santos e dos anjos. Um instante ela se desmentiu; fraquejou diante do medo do suplício; mas chorou sua fraqueza e a confessou publicamente; seu último grito nas chamas foi que suas vozes não a tinham enganado e que suas revelações eram de Deus. Deve-se, pois, concluir com o Sr. Quicherat que ‘sobre este ponto a mais severa crítica não tem suspeitas a levantar contra a sua boa-fé.’ Uma vez constatado o fato, como certos sábios o têm explicado? De duas maneiras: ou pela *loucura*, ou por simples alucinação. Que diz a isto o Sr. Quicherat? Que prevê grandes perigos para os que quiserem classificar os fatos da Pucela entre os casos patológicos.

“Mas, acrescenta ele, quer a Ciência aí encontre ou não a sua explicação, não será menos necessário admitir as visões e, como vou fazer ver, estranhas percepções de espírito, resultantes dessas visões.

“Quais são essas estranhas percepções de espírito? São revelações que permitiram a Joana: ora conhecer os mais secretos pensamentos de certas pessoas, ora perceber objetos fora do alcance dos sentidos, ora discernir e anunciar o futuro.

“O Sr. Quicherat cita para cada uma destas três espécies de revelações ‘um exemplo assentado sobre bases tão sólidas que não se pode, diz ele, rejeitá-lo sem rejeitar o próprio fundamento da História.’

“Em primeiro lugar, Joana revelou a Carlos VII um segredo conhecido apenas por Deus e por ele, único meio que ela teve de forçar a crença deste príncipe desconfiado.

“Depois, achando-se em Tours, discerniu que havia, entre Loches e Chinon, na igreja de Santa Catrina de Fierbois,

enterrada a uma certa profundidade, perto do altar, uma espada enferrujada e marcada com cinco cruzeiras. A espada foi encontrada e mais tarde seus acusadores lhe imputaram ter sabido, por ouvir dizer, que essa arma lá estava ou que ela própria a teria colocado ali.

“Sinto, disse a propósito o Sr. Quicherat, quanto semelhante interpretação parecerá forte num tempo como o nosso; ao contrário, quão fracos os fragmentos de interrogatório que ponho em oposição; mas quando se tem sob os olhos o processo inteiro, e quando se vê de que maneira a acusada põe sua consciência a descoberto, então é seu testemunho que é forte, e a interpretação dos argumentadores que é fraca.

“Deixo, enfim, o próprio Sr. Quicherat contar uma das predições de Joana d’Arc:

“Numa de suas primeiras conversas com Carlos VII, ela lhe anunciou que, operando-se a libertação de Orléans, ela seria ferida, mas sem ser posta fora de combate; suas duas santas lho haviam dito e o acontecimento lhe provou que não a tinham enganado. Ela confessa isto em seu quarto interrogatório. Estaríamos reduzidos a esse testemunho, que o cepticismo, sem pôr em dúvida a sua boa-fé, poderia imputar seu dito a uma ilusão de memória; mas o que demonstra que ela efetivamente predissera seu ferimento, é que o recebeu a 7 de maio de 1429, e que a 12 de abril precedente, um embaixador flamengo, que estava na França, escrevia ao governo de Brabant uma carta na qual não só era contada a profecia, mas a maneira por que se realizaria. Joana teve o ombro atravessado por uma flecha de balestra, no assalto do forte de Tourelles, e o enviado flamengo tinha escrito: *Ela deve ser ferida por uma flecha num combate diante de Orléans, mas não morrerá.* Essa passagem de sua carta foi consignada nos registros da Câmara de contas de Bruxelas.

“Um dos sábios cuja opinião eu lembrava há pouco, aquele que faz de Joana d’Arc uma alucinada antes que uma louca,

não contesta suas predições e as atribui a uma sorte de impressionabilidade sensitiva, a uma irradiação da força nervosa, cujas leis ainda não são conhecidas.

“Estão bem certos de que essas leis existem e que jamais devem ser conhecidas? Enquanto não o forem, não é melhor confessar francamente sua ignorância do que propor tais explicações? Toda hipótese é boa quando se trata de negar a ação da Providência, e a incredulidade dispensa qualquer raciocínio? Não se deveria dizer que, desde a origem dos tempos a imensa maioria dos homens concordou em acreditar na existência de um Deus pessoal que, depois de haver criado o mundo, o dirige e se manifesta quando lhe apraz, por sinais extraordinários? Se fizessem calar um instante o seu orgulho, não ouviriam esse concerto de todas as raças e de todas as gerações? O que é maravilhoso é que se possa ter uma fé tão robusta em si mesmo quando se fala em nome de uma ciência que é a mais incerta e a mais variável de todas, de uma ciência cujos adeptos não cessam de contradizer-se, cujos sistemas morrem e renascem como a moda, sem que jamais a experiência tenha podido arruiná-los ou assentar definitivamente um só deles. Eu diria com muito gosto a esses doutores em patologia: Se encontrardes doenças como a de Joana d’Arc, guardai-vos de as curar; trabalhai muito, antes que se tornem contagiosas.

“Mais bem inspirado, o Sr. Wallon não pretendeu conhecer Joana d’Arc melhor do que ela própria. Posto em face da mais sincera das testemunhas, ouviu-a atentamente e votou-lhe inteira confiança. Essa mistura de bom-senso e elevação, de simplicidade e grandeza, essa coragem sobre-humana, realçada ainda por curtos desfalecimentos da natureza, não lhe apareceram como sintomas de loucura ou de alucinação, mas como sinais espetaculares de heroísmo e de santidade. Aí, e não alhures, estava a boa crítica; daí vem que, procurando a verdade, também encontrou a eloqüência e ultrapassou a todos que o tinham

precedido nessa via. Merece ser posto à frente desses escritores, dos quais disse excelentemente o Sr. Quicherat:

“Eles restituíram Joana tão inteira quanto puderam, e quanto mais se empenhavam em reproduzir a sua originalidade, mais encontravam o segredo de sua grandeza.

“O Sr. Quicherat achará muito natural que eu tome suas palavras para caracterizar um sucesso, para o qual ele contribuiu mais que ninguém; porque, se não lhe conveio escrever, ele próprio, a história de Joana d’Arc, doravante é impossível empreendê-lo sem recorrer aos seus trabalhos. O Sr. Wallon, em particular, deles tirou imenso proveito, sem ter quase nunca nada a modificar, nem nos textos recolhidos pelo editor, nem em suas conclusões. Entretanto, não os aceitou sem controle. É assim que aponta uma omissão involuntária, de que se prevaleceu um escritor, que antes se inclina para a alucinação do que para a inspiração de Joana d’Arc. Lê-se na página 216 do *Processo* (tomo I), que Joana d’Arc estava em jejum no dia em que, pela primeira vez, ouviu a voz do anjo, mas que não tinha jejuado no dia anterior. Na página 52, ao contrário, o Sr. Quicherat tinha impresso: *et ipsa Johanna jejunaverat die procedenti*. Suprimindo na página 216 a negação que falta na página 52, tinham-se dois jejuns consecutivos, que pareciam uma causa suficiente de alucinação. O manuscrito não se presta a esta hipótese; o Sr. Wallon constatou que a exatidão habitual do Sr. Quicherat aqui se acha em falta, e que é preciso ler, na página 52, *non jejunaverat*.

“A única discordância um tanto grave que percebo entre os dois autores é quando apreciam os vícios de forma assinalados no processo. O Sr. Quicherat sustenta que Pierre Cauchon era muito hábil para cometer ilegalidades, e o Sr. Wallon o julga muito apaixonado para ter podido se defender. Não estou em condições de decidir esta questão; apenas farei notar que, no fundo, ela tem pouca importância, porque, de um e de outro lado, estão de acordo quanto à iniquidade do juiz e a inocência da vítima.

“Encontro o Sr. Wallon, afirmando com o Sr. Quicherat, contrariamente a uma opinião já antiga, e que ainda conserva partidários, que Carlos VII, uma vez sagrado em Reims, Joana d’Arc ainda não tinha realizado toda a sua missão, porquanto ela própria se tinha anunciado como devendo, além disso, expulsar os ingleses. Deixo deliberadamente de lado a libertação do duque de Orléans, porque é um ponto sobre o qual suas declarações não são tão explícitas. Mas no que concerne à expulsão dos ingleses, tem-se a própria carta que ela lhes dirigiu em 22 de março de 1429: ‘Eu aqui vim por Deus, o rei do céu, corpo por corpo, para vos expulsar de toda a França.’ Seus curtos desfalecimentos nada podem contra esse texto autêntico, confirmado por ela em muitas ocasiões, até que o consagrasse sobre a fogueira, por um protesto supremo. Assim, não sei por que persiste a dúvida, sobretudo no espírito dos que crêem na inspiração de Joana d’Arc. Como podem conhecer sua missão, senão por ela? e por que recusar-lhe aqui a crença que lhe concedem alhures?

“Dirão que ela fracassou; portanto, não tinha missão de Deus para o empreender. Tal foi, com efeito, o triste pensamento que se apoderou dos espíritos, quando a souberam prisioneira dos ingleses. Mas o piedoso Gérson, alguns meses antes de morrer, e no seguinte à libertação de Orléans, de certo modo tinha previsto os reveses após a vitória, não como uma desaprovação a Joana d’Arc, mas como castigo para os ingratos que ela vinha defender. Escrevia ele em 14 de maio de 1529:

“Ainda mesmo – que Deus não o permita! – que ela se tivesse enganado em sua esperança e na nossa, daí não se devia concluir que o que ela fez vem do espírito maligno e não de Deus; mas antes de atribuir a culpa à nossa ingratidão e ao justo julgamento de Deus, embora secreto... porque Deus, sem mudar de opinião, muda a sentença conforme os méritos.

“Ainda aqui o Sr. Wallon fez boa crítica: não divide os testemunhos de Joana d’Arc; ele os aceita todos e os proclama

sinceros, mesmo quando não parecem ser proféticos. Acrescento que os justifica plenamente, mostrando que, se tinha a missão de expulsar os ingleses, não prometeu executar tudo por si mesma, mas que começou a obra e predisso a sua conclusão. O Sr. Wallon o sentiu bem. Não é compreender Joana d'Arc glorificá-la em seus triunfos para a renegar em sua paixão.

“Sobretudo nós, que conhecemos o desenlace desse drama maravilhoso, nós que sabemos que os ingleses com efeito foram expulsos do reino e a coroa de Reims consolidada na cabeça de Charles VII, devemos crer, com o Sr. Wallon, que Deus jamais deixou de inspirar aquela, cuja grandeza lhe aprouve consagrar pela provação, e a santidade pelo martírio.” – N. de Wailly.

O nosso correspondente de Antuérpia, que houve por bem nos enviar o artigo acima, juntou a nota que se segue, oriunda de suas pesquisas pessoais sobre o processo de Joana d'Arc:

“Pierre Cauchon, bispo de Beauvais, e um inquisidor chamado Lemaire, assistidos por sessenta assessores, foram os juizes de Joana. Seu processo foi instruído segundo as formas misteriosas e bárbaras da Inquisição, que havia jurado a sua perda. Ela quis que a decisão do julgamento fosse delegada ao papa e ao Concílio de Basileia, mas o bispo se opôs. Um padre, L'Oyseleur, a enganou, abusando da confissão, e lhe deu funestos conselhos. Por força de intrigas de toda sorte, ela foi condenada em 1431 a ser queimada viva, ‘como mentirosa, perniciosa, enganadora do povo, adivinha, blasfemadora de Deus, descrente na fé de Jesus-Cristo, vaidosa, idólatra, cruel, dissoluta, invocadora dos diabos, cismática e herética.’

“Em 1546 o papa Calisto III fez pronunciar, por uma comissão eclesiástica, a reabilitação de Joana e, por uma sentença solene, foi declarado que Joana morreu mártir para a defesa de sua religião, de sua pátria e de seu rei. O papa quis mesmo canonizá-la, mas sua coragem não foi tão longe.

“Pierre Cauchon morreu subitamente, em 1443, fazendo a barba. Foi excomungado; seu corpo foi desenterrado e atirado num monturo.”

A Jovem Camponesa de Monin

CASO DE APARIÇÃO

Um dos nossos correspondentes de Oloron (Basses-Pyrénées), enviou-nos o relato do seguinte fato, que é de seu conhecimento pessoal:

“Pelo fim do mês de dezembro de 1866, não longe do vilarejo de Monin (Basses-Pyrénées), uma camponesa de vinte e quatro anos, chamada Marianne Coubert, estava ocupada em juntar folhas num prado, perto da casa onde mora com seu pai, de sessenta e quatro anos, e uma irmã de vinte e nove. Desde alguns instantes, um velho de estatura média, vestido à camponesa, já se mantinha no canto do gradeado que dá passagem para o prado. De repente, ele chamou a jovem, que logo se aproxima, e pergunta se ela lhe podia dar uma esmola.

“ – Mas que vos poderia dar? perguntou ela. Nada tenho; a não ser que queirais aceitar um pedaço de pão.

“ – O que quiserdes, replicou o velho. Aliás, podeis ficar tranqüila, ele não vos faltará.

“E a camponesa apressou-se em ir buscar o pedaço de pão. Ao retornar, disse-lhe o velho:

“ – Há muito tempo que já me respondestes.

“ – Como, respondeu a camponesa atônita, eu vos podia responder? Ainda não me tínheis chamado.

“ – Eu não vos tinha chamado, é verdade, mas meu Espírito se havia transportado para vós, tinha penetrado o vosso Espírito e foi assim que conheci previamente as vossas intenções. Também parei diante de outra casa, lá embaixo; meu Espírito entrou e conheci as disposições pouco caridosas dos que ali habitam. Por isso pensei que seria inútil ali pedir alguma coisa. Se aquelas pessoas não mudarem, se continuarem a não praticar a caridade, muito terão a lamentar. Quanto a vós, jamais recuseis dar esmola, e Deus vos levará em conta os vossos sentimentos e vos dará muito além do que tiverdes dado aos infelizes... Estais doente dos olhos?

“ – Ah! sim, respondeu a camponesa, a maior parte das vezes minha vista é tão fraca que não posso me dedicar aos trabalhos do campo.

“ – Pois bem! continuou o velho, eis um par de óculos com os quais vereis perfeitamente. Tendes uma irmã que amastes muito e que morreu há oito anos e quatro meses.

“ – É verdade, respondeu a camponesa, cada vez mais atônita.

“ – Vossa mãe morreu há um ano.

“ – É verdade, continuou ela, ainda mais espantada.

“ – Pois bem! ireis dizer cinco *Pater* e cinco *Ave* em seu túmulo. Aliás, ambas se encontram num lugar onde são felizes e onde as revereis um dia. Antes de vos deixar, tenho algo a vos recomendar: ide à casa de tal pessoa (uma moça de má conduta, que tinha vários filhos) e pedi-lhe que vos deixe levar um de seus filhos, que educareis até a época de sua primeira comunhão.

“Enfim, eis um missal que deveis guardar preciosamente, e ao qual está ligado uma graça para todos os que o

tocarem. As pessoas que vos vierem ver deverão, ao chegar e ao partir, dizer dois *Pater* e duas *Ave*, pelas almas do purgatório. Entre essas pessoas, cujo número aumentará de dia para dia de modo considerável, há os que rirão, que zombarão; a estes não conteis nada. Não deixeis de recomendar à pessoa, na casa de quem deveis pegar o menino, que se converta, pois não creio que ela viva ainda muito tempo.

“Previno-vos que tereis uma grave moléstia pelo fim do mês de março; não mandeis chamar médico, pois será inútil; é uma prova a que vos deveis submeter com resignação. Aliás, eu voltarei a vos ver.

“E o velho afastou-se. Chegando a uma pequena ponte muito próxima, desapareceu de repente.

“Naturalmente, a jovem camponesa apressou-se em ir contar o fato ao Sr. cura, ao qual mostrou o livro de orações. O cura lhe disse que pensava que houvesse nisto algo de extraordinário e aconselhou-a a guardar o missal com cuidado. Ela se apressou em fazer tudo quanto o velho lhe havia recomendado, e depois a viram sempre com os óculos e o menino de que se havia encarregado. Foi visitada por uma multidão considerável e, no último domingo, sua casa estava tão cheia que o cura teve que cantar as vésperas quase só. Não posso esquecer uma circunstância importante: é que, segundo a predição do velho, a camponesa estava acamada há oito dias. Agora é preciso dizer que em Monin, como em Oloron, as opiniões estão muito divididas a respeito do fato em questão. Uns acreditam, outros permanecem incrédulos. O cura de Monin, que a princípio tinha achado a coisa muito extraordinária, pregou várias vezes para dissuadir seus paroquianos de ir visitar a camponesa. Segundo esta, a personagem que se apresentou a ela lhe disse seu nome e lhe confiou várias coisas que ela não devia revelar, pelo menos agora. Em tudo isto, o que me faria refletir um pouco, é que

ele manifestou o desejo de que se erigisse uma estátua para o representar, no lugar onde apareceu.

“A opinião geral, entre os crentes, é que deve ser São José. Para mim, se o fato for verdadeiro, aí não posso ver senão uma manifestação espírita, tendo por fim chamar a atenção sobre a nossa filosofia, numa região dominada por influências contrárias.”

Algumas Palavras à Revista Espírita

PELO JORNAL *L'EXPOSITION POPULAIRE ILLUSTRÉE*

O jornal *Exposição Popular Ilustrada* contém, em seu número 34, o artigo seguinte, a respeito das reflexões que fizemos acompanhar os dois artigos de nosso último número sobre o cura Gassner e os prognósticos, que tínhamos tomado desse jornal.

“A *Revista Espírita* é um jornal especial mensal que, há dez anos, sustenta corajosamente a luta contra a classe numerosa dos escritores e dos homens superficiais, que tratam, à porfia uns dos outros, os adeptos da fé nova de ‘iluminados, alucinados, papalvos, loucos, impostores, charlatães e, enfim, de partidários de Satã.’ Como vedes, certos escritores gostam mais de insultar e ultrajar do que de discutir.

“Ó, meu Deus! todo esse vocabulário foi esgotado há trinta e cinco ou trinta e seis anos, contra os *são-simonistas* e, se não erramos, a eloquência do *Parquet* foi posta de lado, e nos parece que o *pai* e um de seus ardentes discípulos foram atingidos por uma condenação que os deixou livres para dirigirem grandes administrações, terem assento no Instituto, serem elevados à dignidade de senador, levarem a *tiracolo* as insígnias de diversas condecorações, inclusive a cruz de honra, e que não lhes permite apenas tomar parte no Conselho Municipal de sua cidade, mas ainda de usar o direito cívico do voto.

“Bem vedes que o ultraje não significa grande coisa; contudo, também vedes bem que sempre resta alguma coisa; é uma espécie de calúnia. Ora, já disseram muito antes de nós, *quando a calúnia não queima, sapeca*.

“Voltemos aos espíritas. Quem sabe o que está reservado aos homens da escola espírita? Talvez os vejamos um dia fazendo a curta estrada para chegar às culminâncias do poder, como fizeram os senhores são-simonistas.

“Sempre há os que progridem (os espíritas), que engrossam as suas fileiras com homens sérios e inteligentes, magistrados reputados em seus corpos.

“Falamos hoje da *Revista Espírita*, porque a *Revista Espírita* houve por bem se ocupar de nós em seu último número (o de novembro)... Reproduziu diversas passagens de nosso vigésimo quarto número, relativas a uma *correspondência sobre os taumaturgos*, e apressou-se em *protestar* contra a qualificação de taumaturgo, que nós demos, em diversos outros artigos, *ao curador Jacob e aos curadores passados, presentes e futuros*, quando curassem fora da terapêutica científica.

“A *Revista Espírita* protesta contra a palavra *taumaturgo*, porque *não admite que nada se faça fora das leis naturais...*; mas me parece que é o que o nosso jornalzinho já disse mais de vinte vezes.

“Não há nada, nada, nada, fora das leis naturais.

“Tudo o que é, tudo o que acontece, tudo o que se produz é resultante de leis naturais, de fenômenos naturais, *conhecidos ou desconhecidos*.

“Sim, mil vezes sim, “os fenômenos que pertencem à ordem dos fatos *espírituais* não são mais *miraculosos* que os fatos materiais, considerando-se que o *elemento* espiritual é uma das forças da Natureza, assim como o *elemento* material”, dizeis vós.

“Sim, senhores, mil vezes sim, nós partilhámos o vosso sentimento; mas protestamos contra esta expressão *elemento*, como *protestastes* contra a *qualificação de taumaturgo* por nós dada a um espírita, *consciente* ou *inconsciente*.

“O vocábulo *taumaturgo* vos choca; dai-me outro, racional, lógico, compreensível... eu o aceitarei.

“Por conseqüência lógica, a palavra milagre deve vos chocar. Dai-me uma outra, para significar, para expressar o que significa, o que exprime a palavra *milagre*, e eu a adotarei.

“Mas enquanto o vosso, enquanto o nosso dicionário não for feito, nem conhecido, há que se recorrer ao *dicionário da Academia*. Na verdade, senhores espíritas, não nos devemos permitir a pretensão de ter outro vocabulário senão o dos *Senhores Quarenta*.

“Linguisticamente, academicamente falando, o que é um taumaturgo? um fazedor de milagres.

“O que é um milagre? – Um ato do poder divino, contrário às leis *conhecidas* da Natureza.

“Portanto, os senhores curadores, os Hohenlohe, os Gassner, os Jacob são *taumaturgos*, *fazedores de milagres*, porque agem fora das leis *conhecidas* da Natureza.

“Inventai, criai, dai, promulgai uma nova palavra e nós a adotaremos. Mas, até lá, permiti que conservemos o velho vocabulário e a ele nos conformemos até nova instrução. Não podemos fazer de outro modo.

“Sabeis como age Jacob? dissei-o. Se não o sabeis, fazei como nós: reconheci que ele age fora das leis *conhecidas* da Natureza; portanto é taumaturgo.

“De nossa parte, como dissemos, protestamos contra a palavra *elemento*, por uma razão muito simples: é que declaramos ignorar completamente qual é e o que é o *elemento espiritual*, assim como não sabemos o que é o *elemento material*.

“No que respeita ao *elemento espiritual*, não reconhecemos senão o elemento criador: Deus... – Com toda a humildade, com toda a veneração, curvamos a cabeça e respeitamos o inexplicável mistério da *encarnação do sopro de Deus em nós*... limitando-nos a repetir o que dissemos: ‘*Há em nós um desconhecido que somos nós, e que, ao mesmo tempo comanda o nosso eu matéria e lhe obedece.*’

“Quanto ao *elemento material*, proclamamos com toda a força de nossa sinceridade que não estamos menos embaraçados... a criação do primeiro homem, da primeira mulher, enquanto seres *materiais*, é um mistério tão inextrincável quanto o da espiritualização deste ser criado.

“Véu de trevas, segredo do Criador, que não é permitido erguer, penetrar.

“O elemento primitivo é Deus, ou está em Deus... Não procuremos e, com o mais sábio dos doutores da Igreja, digamos: ‘Não busqueis penetrar este mistério: enlouqueceríeis.’

“Agora perguntamos aos senhores da *Revista Espírita*, aos que crêem na *dupla vista*, na *visão espiritual*: por que se erguem *contra os fenômenos físicos considerados como prognósticos de acontecimentos felizes ou infelizes?*

“Dizeis que esses fenômenos em geral não têm qualquer ligação com as coisas que parecem pressagiar. Podem ser os precursores de efeitos físicos que são a sua conseqüência, como um ponto negro no horizonte pode pressagiar ao marinheiro uma tempestade, ou certas nuvens anunciar o granizo, mas a significação

destes fenômenos para as coisas da ordem moral, acrescentais, devem ser classificadas entre as crenças supersticiosas, que nunca seriam combatidas com demasiada energia.

“Explicai-vos um pouco melhor, senhores, porque aqui tocais uma das graves questões das ciências cabalísticas, das previsões proféticas.

“Dizei-nos francamente, lealmente, em que categoria classificais as *influências numéricas*. Negai-as? contestai-as? acreditais nelas?... jamais refletistes nestas questões?

“Tomai cuidado. Tudo se encadeia nos mistérios da Criação, no segredo das correlações dos mundos, das correlações planetárias. Acreditais em vós mesmos, no vosso eu espiritual, *em vosso Espírito encarnado*, e credes, também, *nos Espíritos desencarnados*: portanto, nos Espíritos que foram *encarnados* e que, depurados de sua *encarnação* precedente, esperam uma *encarnação*, não diremos mais celeste, mais divina, porém mais angélica... Eis a vossa fé. E, depois, parais a matemática divina e dizeis: Não creio nesta presciência regular, que atingiria o meu livre-arbítrio; não creio nestes cálculos de detalhe... Limitai-vos a duvidar, senhores; mas não negueis.

“Se estudásseis a história da Humanidade tomando por guia *as concordâncias numéricas*, ficaríeis esmagados e não mais ousaríeis dizer que essas crenças supersticiosas nunca seriam combatidas com demasiada energia.

“Podemos pôr sob os vossos olhos mais de *quatro mil* concordâncias numéricas, históricas, indiscutíveis. Fazei chegar um acontecimento, nascer ou morrer um ano mais cedo ou mais tarde, e a concordância cessa... Que lei as rege?... Mistério de Deus, segredo desconhecido da criatura...; e como tudo se liga e se encadeia, ousais, vós que na vossa qualidade de espírita deveis crer no magnetismo, na *sono-atividade*, no sonambulismo; vós que deveis

crer no *agente* (e não *elemento*) *espiritual*, como podeis *negar* as leis desconhecidas que regem as relações dos mundos entre si?... Credeis nas relações dos Espíritos *encarnados* com os Espíritos *desencarnados*! Então sede lógicos e não recueis diante de nenhuma possibilidade ainda oculta nas trevas do desconhecido.

“Voltaremos a esta questão, que não é nova, mas que sempre ficou nos *limbos da Ciência*. (Servimo-nos desta palavra intencionalmente).”

RESPOSTA

As razões pelas quais o Espiritismo repudia a palavra *milagre*, para o que lhe diz respeito em particular, e em geral para os fenômenos que não escapam das leis naturais, foram muitas vezes desenvolvidas, quer em nossas obras sobre a doutrina, quer em vários artigos da *Revista Espírita*. Estão resumidas na passagem seguinte, tirada do número de maio de 1867.

“Em sua acepção usual a palavra *milagre* perdeu sua significação primitiva, como tantas outras, a começar pela palavra *filosofia* (amor à sabedoria), da qual hoje se servem para exprimir as idéias mais diametralmente opostas, desde o mais puro espiritualismo, até o materialismo mais absoluto. Ninguém duvida que, no pensamento das massas, *milagre* implica a idéia de um fato extranatural. Perguntai a todos os que crêem nos milagres se os encaram como efeitos naturais. A Igreja fixou-se de tal modo sobre este ponto que anatematiza os que pretendem explicar os milagres pelas leis da Natureza. A própria Academia define esta palavra: *Ato do poder divino, contrário às leis conhecidas da natureza. – Verdadeiro, falso milagre. – Milagre comprovado. – Operar milagres. – O dom dos milagres.*

“Para ser por todos compreendido, é preciso falar como todo o mundo. Ora, é evidente que se tivéssemos qualificado os fenômenos espíritas de *miraculosos*, o público se teria equivocado quanto ao seu verdadeiro caráter, a menos que, de cada vez, se

empregasse um circunlóquio e dissesse que há milagres que não são milagres, como geralmente se entende. Visto que a generalidade a isto liga a idéia de uma derrogação das leis naturais, e que os fenômenos espíritas não passam da aplicação dessas mesmas leis, é muito mais simples e sobretudo mais lógico dizer sem rodeios: Não, o Espiritismo não faz milagres. Desta maneira, não há engano, nem falsa interpretação. Assim como o progresso das ciências físicas destruiu uma multidão de preconceitos e faz entrar na ordem dos fatos naturais um grande número de efeitos outrora considerados miraculosos, o Espiritismo, pela revelação de novas leis, vem ainda restringir o domínio do maravilhoso; dizemos mais: dá-lhe o último golpe, razão por que não é malvisto em parte alguma, como também não o são a astronomia e a geologia.”

Aliás, a questão dos milagres é tratada de maneira completa, e com todos os desenvolvimentos que comporta, na segunda parte da nova obra que publicamos sob o título de *A Gênese, os milagres e as predições, segundo o Espiritismo*. A causa natural dos fatos reputados *miraculosos*, no sentido vulgar da palavra, é explicada. Se o autor do artigo acima se der ao trabalho de a ler, verá que as curas do Sr. Jacob e todas as do mesmo gênero não são um problema para o Espiritismo que, desde muito tempo, sabe como proceder neste ponto. É uma questão quase elementar.

A acepção da palavra *milagre*, no sentido de fato extranatural, está consagrada pelo uso. A Igreja a reivindica por sua conta, como parte integrante de seus dogmas; parece-nos, pois, difícil fazer esta palavra voltar à sua acepção etimológica, sem se expor a quiproquós. Seria preciso, diz o autor, uma palavra nova. Ora, como tudo o que não está fora das leis da Natureza é natural, não vemos outra podendo abarcá-los todos senão a de *fenômenos naturais*.

Mas os fenômenos naturais, reputados miraculosos, são de duas ordens: uns dependem de leis que regem a matéria, outros

de leis que regem a ação do princípio espiritual. Os primeiros são da alçada da Ciência propriamente dita, os segundos estão mais especialmente no domínio do Espiritismo. Quanto a estes últimos, como são, na maior parte, uma conseqüência dos atributos da alma, a palavra existe: são chamados *fenômenos psíquicos*; e quando combinados com os efeitos da matéria, poderiam ser chamados *psíquicos-materiais ou semipsíquicos*.

O autor critica a expressão *elemento espiritual*, pela razão, diz ele, de que o único elemento espiritual é Deus. A resposta para isto é muito simples. A palavra *elemento* não é aqui tomada no sentido de *corpo simples, elementar, de moléculas primitivas*, mas no de *parte constituinte de um todo*. Neste sentido, pode dizer-se que o *elemento espiritual* tem uma parte ativa na economia do Universo, como se diz que o *elemento civil* e o *elemento militar* figuram em tal proporção na cifra de uma população; que o *elemento religioso* entra na educação; que na Argélia há o *elemento árabe* e o *elemento europeu*, etc. Por nossa vez, diremos ao autor que, por falta de uma palavra especial para esta última acepção do vocábulo *elemento*, é-se forçado a dele se servir. Aliás, como essas duas acepções não representam idéias contraditórias, como a do vocábulo *milagre*, não há confusão possível, pois a idéia radical é a mesma.

Se o autor se der ao trabalho de estudar o Espiritismo, contra o qual constatamos com prazer que ele não tem uma idéia preconcebida de negação, nele encontrará a resposta às dúvidas que parecem exprimir algumas partes de seu artigo, quanto à maneira de encarar certas coisas, salvo, todavia, no que concerne à ciência das concordâncias numéricas, da qual jamais nos ocupamos, e sobre a qual, por conseguinte, não poderíamos ter opinião formada.

O Espiritismo não tem a pretensão de dizer a última palavra sobre todas as leis que regem o Universo, razão por que

jamais falou: *Nec plus ultra*. Por sua própria natureza abre caminho a todas as novas descobertas, mas até que um princípio novo seja constatado, não o aceita senão a título de hipótese ou de probabilidade.

O Abade de Saint-Pierre

As Efemérides do *Siècle* de 29 de abril último traziam a seguinte notícia:

1743. – Morte do abade de Saint-Pierre (Charles-Irénéé Castel de), escritor e filantropo, em nome de quem ficará eternamente ligada a lembrança do *projeto de paz perpétua*, cuja concepção parece tornar-se cada dia mais impraticável. A vida inteira desse digno abade se consumou em trabalhos e ações que tinham por objetivo a felicidade dos homens. Dar e perdoar devia ser, em sua opinião, a base de toda a moral, e ele a punha em prática constantemente. Também foi ele que criou, ou pelo menos ressuscitou, a palavra *beneficência*, exprimindo uma virtude que exercia diariamente. O abade de Saint-Pierre nasceu em 18 de fevereiro de 1658, e a Academia Francesa lhe havia aberto suas portas em 1695; mas um dia, na sua *Polysynodie*, o abade exprimiu-se severamente sobre o reinado de Luís XIV. O cardeal de Polignac denunciou o livro à Academia, que condenou o autor sem se dignar ouvi-lo, e o excluiu de seu seio em 1718. J.-J. Rousseau, que compartilhou e desenvolveu algumas das idéias do abade de Saint-Pierre, disse dele: “Era um homem raro, a honra de seu século e de sua espécie.”

O abade de Saint-Pierre era um homem de bem e de talento, justamente estimado. Nas circunstâncias presentes, as idéias que ele tinha perseguido em vida davam à sua evocação uma espécie de atualidade.

(Sociedade de Paris, 17 de maio de 1867 – Médium: Sr. Rul.)

Evocação – A nota que acabamos de ler nas Efemérides do *Siècle* nos recordou vossa memória, e lemos com interesse o justo tributo de elogios prestados às qualidades que vos mereceram a estima de vossos contemporâneos e vos asseguram a da posteridade. Um homem que teve idéias tão elevadas só pode ser um Espírito adiantado. Eis por que teremos muito prazer em aproveitar as vossas instruções, se houverdes por bem comparecer ao nosso meio. Ficaremos particularmente agradecidos em conhecer a vossa opinião atual sobre a paz perpétua, que constituiu o objeto de vossas preocupações.

Resposta – Venho com prazer responder ao apelo do presidente. Sabeis que em todas as épocas Espíritos vêm encarnar-se na Terra, para ajudar o avanço de seus irmãos menos adiantados. Fui um desses Espíritos. Tinha o dever de procurar persuadir os homens que têm o hábito das lutas fratricidas, de que viria uma época em que as paixões que engendram a guerra dariam lugar ao apaziguamento e à concórdia. Queria fazer-lhes pressentir que um dia os irmãos inimigos se reconciliariam, se dariam o beijo da paz, que em seus corações não haveria lugar senão para o amor e a benevolência, e que não mais pensariam em forjar armas que semeiam a morte, a devastação e as ruínas! Se fui benevolente, era o efeito de minha natureza mais adiantada que a dos meus contemporâneos. Hoje, um grande número entre vós pratica esta virtude evangélica e, se ela é menos notada, é que se espalhou mais e os costumes se abrandaram.

Mas volto à questão que é objeto desta comunicação, à paz perpétua. Não há um só espírita que duvide que aquilo que se chama uma utopia, um sonho do abade de Saint-Pierre, mais tarde não se torne realidade.

Em meio a todos esses clamores que anunciam a aproximação de graves acontecimentos, não há como se falar de

paz perpétua; mas ficai bem persuadidos de que esta paz descerá sobre a vossa Terra. Assistis a um grande espetáculo, ao da renovação do vosso globo. Mas, quantas guerras antes! quanto sangue derramado! quantos desastres! Infeliz daquele que, por seu orgulho e ambição, tiverem desencadeado a tempestade! Terão de prestar contas de seus atos àquele que julga os grandes e os poderosos, como os menores de seus filhos!

Perseverai todos, irmãos; sois também os apóstolos da paz perpétua, porque ser discípulos do Cristo é pregar a paz, a concórdia. Entretanto, digo-vos ainda, antes que possais testemunhar esse grande acontecimento, vereis novos engenhos de destruição, e quanto mais se multiplicarem os meios, mais depressa os homens prepararão o advento da paz perpétua.

Deixo-vos repetindo as palavras do Cristo: “Paz na Terra aos homens de boa vontade.”

Aquele que foi,

Abade de Saint-Pierre

Dissertações Espíritas

ERROS CIENTÍFICOS

(Paris, 20 de março de 1867 – Grupo do Sr. Lampérière)

Assim como o corpo tem seus órgãos de locomoção, de nutrição, de respiração, etc., também o Espírito tem faculdades variadas, que se relacionam respectivamente com cada situação particular de seu ser. Se o corpo tem sua infância, se os membros desse corpo são fracos e débeis, incapazes de mover fardos que mais tarde erguerão sem esforço, o Espírito possui, antes de mais, faculdades que devem, como tudo o que existe, passar da infância à juventude e da juventude à idade madura. Pediríeis à criança no

berço que agisse com a rapidez, a segurança e a habilidade do homem feito? Não; seria loucura, não é? Não se deve exigir de cada um senão o que entra no quadro de suas forças e de seus conhecimentos. Pedir àquele que jamais tocou num livro de Matemática ou de Física, que raciocine sobre um ramo qualquer dos conhecimentos que dependem dessas ciências, seria tão pouco lógico quanto pretender exigir uma descrição exata de um país longínquo a um parisiense que jamais deixou os limites de sua terra natal e, por vezes de seu bairro!

É, pois, necessário, para julgar uma coisa sensatamente, ter dessa coisa um conhecimento tão completo quanto possível. Seria absurdo submeter a um exame de leitura corrente aquele que apenas começa a soletrar; e, contudo!... contudo o homem, esse *humanimal* dotado de raciocínio, esse poderoso da Criação, para quem tudo é obstáculo no livro dos mundos, essa criança terrível que apenas balbucia as primeiras palavras da verdadeira ciência, esse mistificado da aparência, pretende ler, sem hesitação, as mais indecifráveis páginas do manual que a Natureza diariamente apresenta aos seus olhos. O desconhecido nasce sob os seus passos; esbarra aos seus lados; à frente, atrás, em toda parte, em tudo, não são senão problemas sem solução, ou cujas soluções conhecidas são ilógicas e irracionais, e a criança grande desvia os olhos do livro, dizendo: Eu te conheço; para um outro!... Ignorante das coisas, liga-se às causas dessas coisas e, sem bússola, sem compasso, embarca no mar tempestuoso dos sistemas preconcebidos, que o conduz fatalmente ao naufrágio, cujo resultado são a dúvida e a incredulidade! O fanatismo, filho do erro, o tem sob o seu cetro; porque, sabei-o bem, o fanático não é aquele que crê sem provas e que, por uma fé incompreendida, daria a sua vida. Há fanáticos da incredulidade, como há fanáticos da fé!

O caminho da verdade é estreito e é necessário sondar o terreno antes de avançar, para não se precipitar nos abismos que o ladeiam, à direita e à esquerda.

Apressa-te devagar, diz a sabedoria das nações; e, como sempre, quando está de acordo com o bom-senso, a sabedoria das nações tem razão. – Não deixes inimigo atrás de ti, e não avances senão quando estiveres seguro de não seres obrigado a retroceder. – Deus é paciente porque é eterno; o homem, que tem a eternidade diante de si, também pode ser paciente.

Que julgue pelas aparências, que se engane e reconheça seu erro no futuro, é lógico; mas que pretenda não poder enganar-se, que marque um limite qualquer ao entendimento humano, a criança reaparece sobre a água com seus caprichos e suas cóleras impotentes!... O potro ainda não fez diabruras; irrita-se, empina-se! O sangue ferve em suas veias!... Deixai-o fazer: a idade saberá acalmar o seu ardor sem o destruir e disso ele tirará proveito, medindo mais sabiamente os seus gastos!

Ao nascer, o homem viu uma planície formada de terra e de rocha estender-se sem limite sob os seus passos; uma planície azul, salpicada de fogos cintilantes estendia-se sobre a sua cabeça e parecia mover-se regularmente; daí concluiu que a Terra era um vasto planalto acidentado, encimado por uma cúpula animada de um movimento constante. Referindo tudo a si, fez-se o centro de um sistema por ele criado, e a Terra imutável contemplou o Sol girando na planície celeste. Hoje o Sol não gira mais e a Terra se pôs em movimento; o primeiro ponto talvez não fosse difícil de elucidar *segundo a Bíblia*, porque se Josué um dia mandou o Sol parar, em parte alguma se vê que lhe tenha mandado retomar o seu curso.

Hoje a inteligência humana dá um desmentido aos trabalhos das inteligências de uma época mais recuada e, assim, de idade em idade até a origem; e, contudo, malgrado as lições do passado, embora se aperceba, pelos precedentes, que a utopia de ontem muitas vezes é a realidade de amanhã, o homem se obstina a dizer: Não! não irás mais longe! Quem poderia fazer mais que

nós? A inteligência está no topo da escada; depois de nós não se pode senão descer!... E, no entanto, os que dizem isto são as testemunhas, os propagadores e os promotores das maravilhas realizadas pela ciência atual. Fizeram numerosas descobertas, que modificaram singularmente as teorias de seus predecessores; mas, que importa!... O *eu* neles fala mais alto que a razão. Gozando de uma realeza de um dia, não podem admitir que amanhã sejam submetidos a um poder que o futuro mantém ao abrigo de seus olhares.

Negam o Espírito, como negavam o movimento da Terra!... Lamentemo-los e consolemo-nos de sua cegueira, dizendo-nos que o que é não pode ficar eternamente oculto; a luz não pode tornar-se sombra; a verdade não pode tornar-se erro; as trevas se desfazem diante da aurora.

Ó Galileu!... onde quer que estejas, tu te alegras porque *ela se move...* e podemos alegrar-nos, nós também, porque nossa Terra, nosso mundo, a inteligência, o Espírito também tem seu movimento incompreendido, desconhecido, mas que logo se tornará tão evidente quanto os axiomas reconhecidos pela Ciência.

François Arago

A EXPOSIÇÃO

(Paris – Grupo Desliens – Médium: Sr. Desliens)

O observador superficial que neste momento lançasse os olhos sobre o vosso mundo, sem se preocupar muito com algumas pequenas manchas disseminadas em sua superfície, e que parecem destinadas a fazer ressaltar os esplendores do conjunto, sem a menor dúvida diria que jamais a Humanidade apresentou uma fisionomia mais alegre. Por toda parte celebram-se à porfia as bodas de Gamache. Não são senão festas, trens de recreio, cidades engalanadas e rostos alegres. Todas as grandes artérias do globo

trazem à vossa capital muito apertada a multidão colorida, vinda de todos os climas. Em vossos bulevares o chinês e o persa saúdam o russo e o alemão; a Ásia em casimira dá a mão à África em turbante; o novo mundo e o antigo, a jovem América e os cidadãos do mundo europeu se esbarram, se acotovelam, se entretêm num tom de inalterável amizade.

Estará o mundo realmente convidado para a festa da paz? A Exposição Francesa de 1867 seria o sinal tão almejado da solidariedade universal? – Seríamos tentados a crer se todas as animosidades fossem extintas; se cada um, pensando na prosperidade industrial e no triunfo da inteligência sobre a matéria, deixasse tranqüilamente os engenhos da morte, os instrumentos de violência e de força, dormir no fundo de seus arsenais em estado de relíquias próprias para satisfazer a curiosidade dos visitantes.

Mas estais nisto? Oh! não; o rosto faz careta debaixo do sorriso, o olhar ameaça quando a boca cumprimenta, e apertam-se cordialmente as mãos no momento mesmo em que cada um medita a ruína de seu vizinho. Riem, cantam, dançam; mas escutai bem, e ouvireis o eco repetir esses risos e esses cantos como soluços e gritos de agonia!

A alegria está nos rostos, mas a inquietude está nos corações. Alegram-se para se atordoar e, se pensam no dia seguinte, fecham os olhos para não ver.

O mundo está em crise e o comércio pergunta o que fará quando o grande zunzum da Exposição tiver passado. Cada um medita sobre o futuro, e se sente que neste momento só se vive hipotecando o tempo futuro.

Que falta, pois, a todos esses felizardos? Não são hoje o que eram ontem? não serão amanhã o que são hoje? Não, o arco comercial, intelectual e moral se endireita cada vez mais, a corda se distende, a flecha vai partir! – Onde ela os levará? – Eis o segredo

do medo instintivo, que se reflete em muitas frentes! Eles não vêem, não sabem, pressentem um não sei quê; um perigo está no ar, e cada um treme, cada um se sente moralmente oprimido, como quando uma tempestade, prestes a desabar, age sobre os temperamentos nervosos. Cada um está à espera; o que acontecerá? uma catástrofe ou uma solução feliz? Nem uma, nem outra; ou, antes, os dois resultados coincidirão.

O que falta às populações inquietas, às inteligências em apuros, é o senso moral atacado, macerado, semidestruído pela incredulidade, pelo positivismo, pelo materialismo. Acreditam no nada, mas o temem; sentem-se no limiar desse nada e tremem!... Os demolidores fizeram sua obra, o terreno está limpo. – Construí, então, com rapidez, para que a geração atual não fique mais sem abrigo! Até aqui o céu se manteve estrelado, mas uma nuvem aparece no horizonte. Cobri depressa vossos tetos hospitaleiros; convidai todos os hóspedes da planície e da montanha. Em breve o furacão vai destruir com vigor, e então, desgraçados dos imprudentes, confiantes na certeza do bom tempo. Terão a solução de seus vãos receios e, se saírem da liça mortificados, dilacerados, vencidos, não devem culpar senão a si próprios, à sua recusa em aceitar a hospitalidade tão generosamente oferecida.

À obra, pois. Construí cada vez mais depressa; acolhei o viajor que vem a vós, mas ide também procurar e tentai trazer a vós aquele que se afasta sem bater à vossa porta, pois só Deus sabe a quantos sofrimentos ele estaria exposto, antes de encontrar o menor refúgio capaz de o preservar das garras do flagelo.

Moki

Allan Kardec

Nota Explicativa³⁵

Hoje crêem e sua fé é inabalável, porque assentada na evidência e na demonstração, e porque satisfaz à razão. [...] Tal é a fé dos espíritas, e a prova de sua força é que se esforçam por se tornarem melhores, domarem suas inclinações más e porem em prática as máximas do Cristo, olhando todos os homens como irmãos, sem acepção de raças, de castas, nem de seitas, perdoando aos seus inimigos, retribuindo o mal com o bem, a exemplo do divino modelo. (KARDEC, Allan. *Revista Espírita* de 1868. 1. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. p. 28, janeiro de 1868.)

A investigação rigorosamente racional e científica de fatos que revelavam a comunicação dos homens com os Espíritos, realizada por Allan Kardec, resultou na estruturação da Doutrina Espírita, sistematizada sob os aspectos científico, filosófico e religioso.

A partir de 1854 até seu falecimento, em 1869, seu trabalho foi constituído de cinco obras básicas: *O Livro dos Espíritos* (1857), *O Livro dos Médiuns* (1861), *O Evangelho segundo o Espiritismo* (1864), *O Céu e o Inferno* (1865), *A Gênese* (1868), além da obra *O Que é o Espiritismo* (1859), de uma série de opúsculos e 136 edições da

³⁵ **Nota da Editora:** Esta “Nota Explicativa”, publicada em face de acordo com o Ministério Público Federal, tem por objetivo demonstrar a ausência de qualquer discriminação ou preconceito em alguns trechos das obras de Allan Kardec, caracterizadas, todas, pela sustentação dos princípios de fraternidade e solidariedade cristãs, contidos na Doutrina Espírita.